

## O audiovisual e a produção de capital simbólico indígena na cidade<sup>1</sup>

Mônica Kaseker<sup>2</sup>

### Resumo

O paper discute a comunicação audiovisual como ferramenta para promover a inserção e permanência do indígena na universidade, compreendendo-a como articuladora de conexões e territorialidades e organizadora de narrativas, assim como propagadora de representações simbólicas de ocupação do campo acadêmico. Apresenta como objeto de análise o processo de produção da série de autobiografias étnico-comunitárias por estudantes indígenas que participam do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo), da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nas narrativas de vida dos estudantes, a universidade aparece como um espaço a ser conquistado pelos povos indígenas e ainda como uma forma de fortalecer suas lutas. Toma-se por base, o conceito de campo de Pierre Bourdieu. A comunicação audiovisual mostra-se como mediadora dos processos de fortalecimento da identidade indígena e de interculturalidade, não somente na universidade, como também no espaço urbano.

**Palavras-chave:** Audiovisual; indígenas; universidade; cidade.

### Introdução

O ingresso dos povos indígenas na universidade é tardio no Brasil. No Paraná, acontece a partir de 2002, porém após 16 anos o ingresso, a permanência e a conclusão dos cursos de graduação pelos indígenas ainda são um desafio. Na UEL, 96 estudantes ingressaram pelo vestibular indígena nesse período, sendo oferecidas seis vagas por ano, mas somente 13 concluíram o curso. Em 2014, foi implantado na UEL o Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural como uma política de apoio à permanência indígena na universidade. (CUIA, 2018) Os estudantes passam pelo Ciclo em seu primeiro ano na universidade e só então escolhem o curso de graduação. As autobiografias étnico-comunitárias foram adotadas como atividade do Eixo Terra e Identidade em 2017, mas foram produzidas pela primeira vez em vídeo em 2018, utilizando a dinâmica de oficinas colaborativas.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT- Espaço urbano, cultura da cidade e varejo, do Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cidades - COMCID, realizado no dia 04 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Mônica Kaseker é jornalista, doutora em Sociologia (UFPR/UAM-X), é professora do curso de Graduação em Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mkaseker@gmail.com.br

A proposta deste artigo é discutir a comunicação audiovisual como ferramenta para promover a inserção e permanência do indígena na universidade, compreendendo-a como articuladora de territorialidades e organizadora de narrativas, assim como propagadora de representações simbólicas de ocupação do campo acadêmico. Apresenta como objeto de análise a série de autobiografias étnico-comunitárias produzidas pelos estudantes indígenas que participam do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Toma-se por base, o conceito de campo de Pierre Bourdieu que vê o espaço social como “um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos diretos ao campo de produção econômica” (2003, p. 153). A metodologia do estudo de caso inclui observação participante no processo de produção e análise dos vídeos produzidos.

### O Ciclo e as autobiografias

De acordo com o Censo de 2010 (IBGE), 817 mil pessoas se autodeclararam indígenas no Brasil, representando um total de 0,4% da população. Ao todo, são 305 etnias e 274 línguas indígenas espalhadas pelo território nacional. No Paraná, há 25.915 indígenas segundo o último censo, sendo que cerca de 12,5 mil vivem em reservas. Segundo a Funasa, a maioria presente nas terras indígenas é da etnia Kaingang (9,7 mil), em seguida vêm os Guarani (3,2 mil) e Xetá (57). Na região de Londrina, há oito terras indígenas (Apucarantina, São Jerônimo, Barão de Antonina, Laranjinha, Pinhalzinho, Posto Velho, Queimadas e Mococa), nos municípios de Tamarana, Londrina, São Jerônimo da Serra, Santa Amélia, Abatiá, Guapirama, Tomazina e Ortigueira.

A Lei que prevê o ingresso dos indígenas nas universidades estaduais do Paraná (nº 13.134) é de 2001. Além da realização do vestibular específico, a lei instaurou a reserva de vagas para estudantes indígenas nas universidades estaduais paranaenses, uma iniciativa pioneira no Brasil. Para coordenar os processos de ingresso e permanência desses estudantes foi criada a Comissão Universidade para os Índios (CUIA), em seus âmbitos locais e estadual. (AMARAL; SILVÉRIO, 2016).

Cada uma das sete universidades estaduais no Paraná recebe seis estudantes indígenas por ano. Nesse período de 15 anos, desde o ingresso dos primeiros estudantes indígenas, fatores como a baixa qualidade da educação básica, o preconceito, o fato de alguns terem a língua portuguesa como

segunda língua, a distância geográfica da terra indígena e até mesmo a adaptação à vida na cidade tem tornado a permanência dos estudantes na universidade e a conclusão de seus cursos um grande desafio (AMARAL, 2016).

O Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas da UEL surge como uma proposta da CUIA UEL como política afirmativa. Essa tentativa de solução foi adotada após discussões internas e debates junto aos acadêmicos e lideranças indígenas da região. O Ciclo é uma modalidade especial de graduação, durante o período de um ano, para que somente após a aprovação nessa etapa, o estudante possa optar pelo curso no qual irá se matricular. Começou a funcionar em 2014 e atende à quinta turma de estudantes atualmente, com o objetivo de “promover formação acadêmica ampla e intercultural dos estudantes indígenas ingressantes na graduação” (UEL, 2013, p.4). A ideia é adotar práticas educativas interdisciplinares que contribuam para a afirmação da presença indígena no ambiente acadêmico. Desta forma, tem amadurecido as escolhas dos candidatos indígenas, diminuindo o índice de retenção nas primeiras séries, assim como as desistências e transferências de cursos (AMARAL, 2016).

A experiência do Ciclo é inédita no Brasil e na América Latina. Com 480 horas letivas de carga horária, o Ciclo está organizado em quatro eixos temáticos bimestrais: 1) Terra e Identidade, 2) Ciência e Saúde, 3) Cidadania e Sustentabilidade: cidadania e políticas públicas e 4) Cotidiano Acadêmico (UEL, 2018). As atividades são de natureza teórica (Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza) e prática (rodas de conversa com a participação de convidados especialistas em temáticas dos eixos e com lideranças indígenas; visitas para conhecer diferentes órgãos e espaços existentes na Universidade, encontros com coordenações de colegiados de cursos desejados pelos estudantes indígenas, bem como com representantes estudantis de centros acadêmicos, etc.).

O eixo Terra e Identidade, no qual foram desenvolvidas as autobiografias étnico-comunitárias, aborda a questão das identidades culturais e da conexão dos acadêmicos com seu grupo étnico e suas comunidades. Nas narrativas de vida dos estudantes, a universidade aparece como território a ser conquistado pelos povos indígenas e ainda como uma forma de fortalecer suas lutas. Além de fortalecer a identidade étnica-comunitária dos estudantes, a produção audiovisual tem como proposta dar maior visibilidade aos indígenas não somente no campo acadêmico, mas também na cidade. Neste artigo, pretende-se analisar como os estudantes que participam do ciclo construíram suas narrativas sobre a universidade como campo de luta e de fortalecimento.

## Universidade e cidade como campo de luta e resistência

A comunicação audiovisual mostra-se como mediadora dos processos de fortalecimento da identidade indígena e de interculturalidade, não somente na universidade, como também no espaço urbano. Cada campo é um espaço de luta em que há posições dominantes e dominadas. Para o autor, aqueles que ocupam posições dominadas no espaço social, também o fazem no campo de produção simbólica. Nesse sentido, podemos considerar a Universidade como sendo o campo acadêmico que se relaciona com o campo de produção econômica, na medida em que forma profissionais para o mercado de trabalho, desenvolve produtos e técnicas de produção, mas que também é produtor e reproduzidor de bens simbólicos e de capital cultural. Os fazeres neste campo se constituem como *habitus*, outro conceito importante na teoria bourdiana. “Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo, é explicar, tornar necessário e não reduzir ou destruir.” (BOURDIEU, 2003, p.69). Cada campo tem sua própria essência e busca autonomia, ao mesmo tempo em que se inter-relaciona, interage com outros campos.

Dessa forma, a análise da história do campo é, em si mesma, a única forma legítima da análise de essência. Seria como se a história estivesse no interior do sistema e como se o devir das formas de representação ou de expressão exprimisse apenas a lógica interna do sistema. A tese de Bourdieu é de que a ação do sujeito acontece dentro do campo e a partir do *habitus*. Não é possível dizer que pertencem ao mesmo campo, quem apresenta *habitus* muito diferentes. O autor superou autores clássicos supondo que exista uma relação dialética entre sujeito e sociedade. “As ações sociais são concretamente realizadas pelos indivíduos, mas as chances de efetivá-las se encontram objetivamente estruturadas no interior da sociedade global”. *Habitus* seria um sistema de estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes (ORTIZ in BOURDIEU, 1983, p. 61).

Nesse sentido, o campo acadêmico se caracteriza pela valorização do conhecimento científico, tomado como verdade, além disso se organiza de forma hierarquizada e compartimentada. O calendário acadêmico, a organização curricular e pedagógica, a regulamentação e a burocratização dos processos são outras estruturas estruturadas que condicionam a ação dos sujeitos. A universidade, mesmo sendo no caso da UEL pública e gratuita, ainda é um espaço que privilegia aqueles que se adaptam mais facilmente a essas estruturas, assim como às suas regras do jogo. No

caso dos estudantes indígenas, pode-se observar que o fato de terem que se deslocar diariamente da terra indígena até a cidade e especificamente ao campus configura-se como a primeira grande dificuldade. Estradas em mau estado de conservação aliadas ao transporte precário e às intempéries tornam esse movimento problemático. Morar na cidade, no entanto, não torna a situação necessariamente mais fácil. Distantes da comunidade e da família e diante de hábitos culturais muito diferentes, além de inúmeras dificuldades para se sustentar, pagando aluguel, alimentação e deslocamentos urbanos, muitos estudantes indígenas se ressentem e acabam desistindo de estudar.

O preconceito vivenciado pelos estudantes indígenas ao longo de toda a sua trajetória escolar deixa marcas de insegurança e não aceitação, em especial nas escolas das cidades vizinhas às terras indígenas. Na universidade, é comum as situações de preconceito e exclusão se repetirem, em salas de aula e em outros ambientes, protagonizadas por professores, funcionários e estudantes. Situações como professores que duvidam que o estudante seja mesmo indígena, porque usa um celular ou porque tem olhos claros, ou que a van realmente quebre com frequência impedindo a chegada em dias de prova ou apresentação de trabalho são comuns. Há também a questão da invisibilidade. Aqueles que não convivem diretamente com os estudantes indígenas parecem ignorar sua presença na universidade e até questionar a pertinência em dispor de vagas específicas a estes, considerando-as um “privilégio”. Na configuração do campo acadêmico, o *locus* privilegiado dos não cotistas, aqueles que tiveram acesso à educação básica de melhor qualidade, e ao capital cultural dos grupos hegemônicos, é reforçado pelas estruturas estruturadas e estruturantes.

### **Autobiografias étnico-comunitárias**

A série de vídeos Terra e Identidade - Autobiografias étnico-comunitárias foi colaborativa, com o protagonismo dos estudantes indígenas do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com estudantes não indígenas dos cursos de Design Gráfico, Moda e Jornalismo. Foram realizadas oficinas de grafismos e de produção audiovisual, com a proposta de fortalecer a identidade indígena e a interculturalidade. Segundo o professor Wagner Amaral, um dos coordenadores do Ciclo e proponente da atividade, as autobiografias visam “contribuir para a recuperação de parte da memória histórica dos estudantes indígenas com foco na afirmação de sua identidade étnico-comunitária (dimensão coletiva),

possibilitando que cada sujeito possa elaborar seu memorial e apresentá-lo em forma de seminário para os seus colegas de turma” (2017). Os estudantes foram instruídos a abordar os seguintes aspectos: identificação pessoal, identificação familiar, identificação da comunidade a que pertence, percursos mais significativos realizados ao longo de sua vida, experiências educativas e escolares mais significativas, expectativas com a Universidade, relacionando com indagações sobre sua identidade étnica-comunitária.

Foram oito encontros, começando com a discussão conceitual da atividade, assim como orientações técnicas sobre como coletar imagens e elaborar as pesquisas. Foram realizadas oficinas de roteiro e de grafismos para a elaboração das vinhetas e identidade visual, gravações em estúdio de televisão, edição e finalização. A professora dos cursos de Design Gráfico e Design de Moda, Ana Luísa Boavista Cavalcante, coordenou a oficina de design colaborativo, buscando responder questões socioculturais. As etnias participantes foram a Kaingang, a Guarani-Nhandeva e a Guarani-Mbia. “Cada comunidade possui seu repertório visual que imprime aos objetos significações e interpretações próprias. Este é construído por meio de uma linguagem visual que não é um sistema lógico, por esta razão, difícil de interpretar” (CAVALCANTE, 2014, p.91).


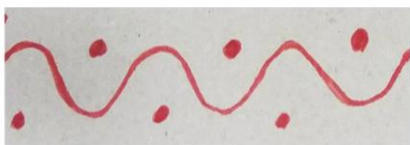

Figura 1: Grafismos Kaingang

	Desenho utilizado em situações de perigo, como guerra ou caça. Representa proteção para ir e voltar em segurança.
	Identifica as metades kaingang, Kamé e Kairu, que classifica os homens e os seres da natureza de forma complementar. Na organização familiar, quem é Kamé deve se casar com alguém que se identifica como Kairú.

Fonte: Oficinas colaborativas de grafismos, 2018.

A oficina de co-criação da identidade visual começou com a exposição de estudos anteriores a respeito de grafismos indígenas. Em seguida, os estudantes tiveram a atividade prática de desenho a mão livre em papel e corporal. Durante este processo, eles foram descrevendo a importância e os significados para suas etnias de cada grafismo desenhado. (Figura 1 e Figura 2)

Figura 2: Grafismos Guarani.

	Representa as trajetórias migrantes.
	Uma analogia com a forma como a cobra se desloca em zigue-zague, desviando-se dos obstáculos.
	Significa proteção no caminho.

Fonte: Oficinas colaborativas de grafismos, 2018.

Os desenhos e imagens produzidos nesse encontro foram digitalizados posteriormente por estudantes de design e, na sequência, os estudantes de jornalismo partiram dessa digitalização para criar as vinhetas do vídeo (Figura 3).



Figura 3: Vinheta Terra e Identidade – autobiografias étnico-comunitárias



Fonte: Canal Cuiá UEL no You Tube, 2018.

Foi possível observar ao longo do processo que alguns estudantes indígenas, antes tímidos, foram adquirindo confiança e passaram a se comunicar melhor com os estudantes não indígenas envolvidos na produção. Empatia e compreensão da realidade dos estudantes indígenas foram certamente resultados percebidos juntos aos estudantes não indígenas. Favorecendo a interculturalidade e fortalecendo a identidade indígena e a visibilidade desses estudantes junto a diferentes setores da universidade, o projeto demonstrou que a comunicação pode ser articuladora de saberes e integradora desses públicos.

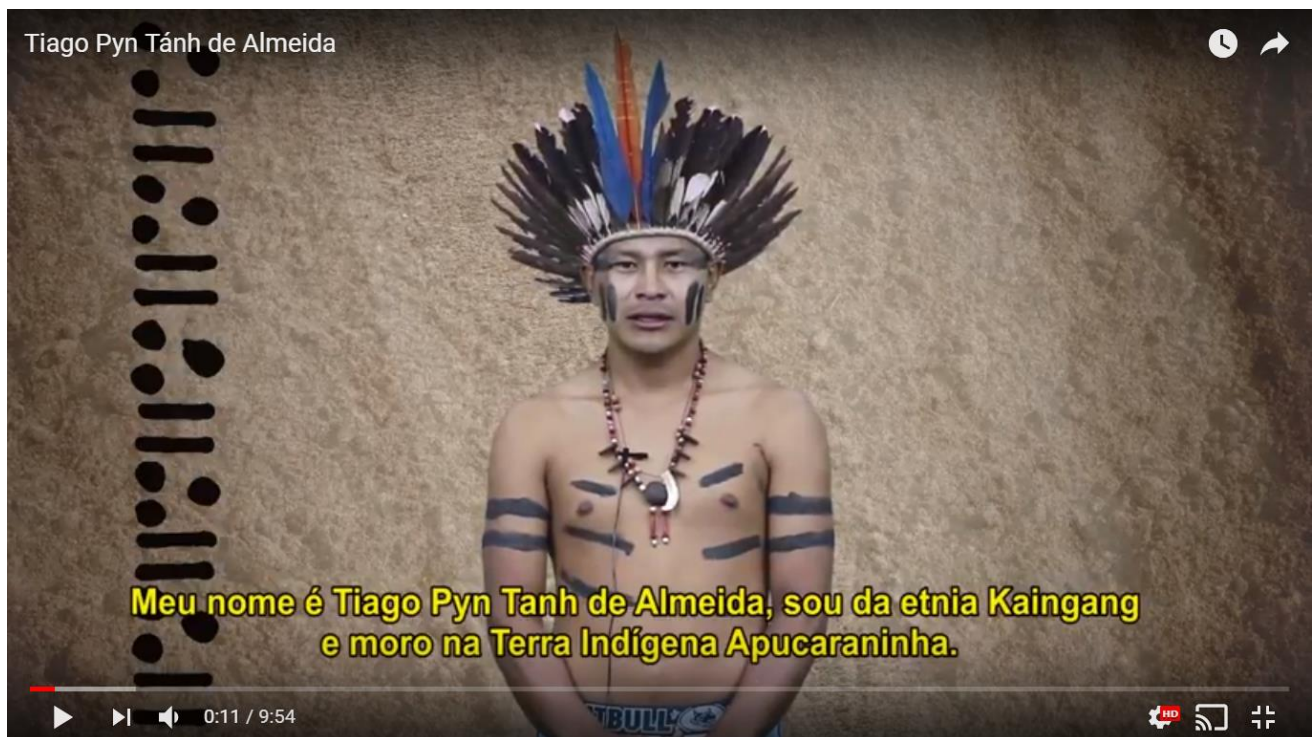
No dia da gravação do vídeo, um dos alunos trouxe um cocar, colares e um pigmento natural para pintar o corpo. Solicitou se poderia gravar sem camisa para que pudesse pintar o corpo com suas marcas tribais. Já com todos os adereços, explicou que tinha dificuldades para formular seu pensamento em português e preferia gravar em Kaingang. A corporalidade transitiva é a principal característica da comunicação indígena, segundo Pereira. Para a autora, trata-se de uma mídia “nativa” que se destaca por sua expressividade e diversidade de linguagem incorporada: a língua, adereços, pinturas e ritos, tudo relacionado aos seus sistemas simbólicos e modos de existência. (in FELICE; PEREIRA, 2017, p.163) Naquele momento, o estudante indígena fazia questão de expressar





sua identidade indígena Kaingang, apresentava-se à universidade. Ao mesmo tempo, apropriava-se dessa nova identidade: a de estudante universitário indígena, construía uma ponte entre dois mundos. (Figura 4)

Figura 4: Autobiografia étnico-comunitária de Tiago Pyn Tanh de Almeida



Fonte: Canal Cuiá UEL no You Tube, 2018.

A diversidade das histórias de vida dos estudantes participantes das autobiografias foi em si uma riqueza cultural. Alguns foram criados na cidade e distantes da convivência na aldeia, enquanto outros falaram somente a língua indígena até o quinto ano do ensino fundamental na escola da terra indígena e depois passaram a estudar na cidade com professores que falavam somente português. Com isso, as autobiografias tornaram-se pontes que conectam espaços, saberes e trajetórias. Em seus discursos audiovisuais, eles conectaram suas comunidades indígenas com sua presença na universidade, que representa em si a construção de “uma ponte”, um novo habitar, nos termos de Heidegger. “A ponte não ocupa um lugar, mas o cria e o constitui” (cit por DI FELICCE, 2017, p. 29).

A série de vídeos das autobiografias étnico-comunitárias foi publicada no canal da Comissão Universidade para os Índios (CUIA) no YouTube, reproduzida no site da TV UEL e, adaptada para o rádio, sendo também transmitida pela emissora educativa UEL FM e compartilhada pelas redes sociais.

A presença nas redes digitais faz com que os povos indígenas expandam seu território e seu ecossistema conectando-se a outros povos e outros contextos culturais globais. “Cria-se assim, uma complexa ecologia que une reticularmente os povos envolvidos, suas culturas, seus territórios, sua biodiversidade aos circuitos informativos digitais por meio de um singular dinamismo tecno-comunicativo-habitativo.” (DI FELICCE; PEREIRA, 2017, p.43)

As redes digitais dão voz aos indígenas, visibilidade e um papel ativo na esfera pública, no entanto, representam uma nova ecologia que reelabora os conceitos de espaço, técnica, natureza e sociedade. Trata-se de um net-ativismo que supera a dimensão subjetiva e abrange uma dimensão ecológico-habitativa. (DI FELICE; PEREIRA, 2017, p.61) Desta forma, acredita-se que o audiovisual e as redes sociais constituem elementos articuladores dessa nova ecologia, conectando as terras indígenas, o campus universitário e a cidade.

### **Considerações finais**

Como diz Amaral, ao ingressar na Universidade os estudantes indígenas desenvolvem um sentido de duplo pertencimento, como acadêmicos e indígenas, à sua aldeia e comunidade e à “Univer-cidade” (AMARAL, 2009). A experiência da universidade traz consigo a necessidade de convívio urbano e todos os seus diferentes modos de ver e de viver.

No campo acadêmico, os estudantes indígenas ainda ocupam uma posição subordinada, marginalizada e inviabilizada, mantendo uma condição precária para sua permanência e para a conclusão dos cursos de graduação. Pouco se sabe sobre a presença indígena na universidade e até mesmo sobre as condições atuais dos povos indígenas por parte dos professores, funcionários estudantes e gestores das universidades.

As autobiografias étnico-comunitárias, com a utilização da comunicação audiovisual, provaram ser positivas no fortalecimento das identidades indígenas e da interculturalidade, na medida em que produzem e reproduzem bens simbólicos e valorizam o capital cultural dos povos tradicionais da

região. Os vídeos compartilham as histórias de vida dos estudantes indígenas, suas expectativas e sonhos em relação à universidade. Em todas as falas, sem exceção, aparece a intenção de beneficiar e ajudar sua própria comunidade e fortalecer as lutas indígenas após a conclusão do curso de graduação. Nesses termos, representam uma ponte que conecta a universidade, as terras indígenas e a cidade, criam uma nova ecologia, preservando memórias e criando novos vínculos.

## Referências

AMARAL, W.R.. **Autobiografia étnico-comunitária dos estudantes indígenas**. Notas de aula. Londrina: Ciclo/UEL, 2017.

AMARAL, W. R.. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. Tese de Doutorado em Educação Universidade Federal do Paraná, 2009.

AMARAL, W.R.. Indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos, trajetórias e pertencimentos. In: AMARAL, W.R. ; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). **Universidade para indígenas: a experiência do Paraná**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista Lustosa. (2014) **Design para a sustentabilidade cultural: recursos estruturantes para sistema habilitante de revitalização de conhecimento local e indígena**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/04/Ana-Luisa-Boavista-Lustosa-Cavalcante-1.pdf>>. Acesso em: 22 Jun. 2018.

CUIA UEL. **Canal da Cuia UEL no You Tube**. Disponível em <https://youtu.be/rmmkLAc2Ysw> Acesso em 05/07/2018.

DI FELICE, Massimo. Atopia, redes digitais e a crise das formas do habitar do Ocidente. (in) DI FELICE, Massimo Di; PEREIRA, Eliete S.. **Redes e ecologias comunicativas indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S.. Formas comunicativas do habitar indígena: a digitalização da floresta e o net-ativismo nativo no Brasil. (in) DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S.. **Redes e ecologias comunicativas indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S.. **Redes e ecologias comunicativas indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

IBGE. **Censo Demográfico Populacional**, 2010. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/> Consulta em 24 de maio de 2018.

ORTIZ, R. (org e prefácio). **Pierre Bourdieu**. Coleção Sociologia, n.39. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA, Eliete S.. Ecologia da Comunicação das formas estéticas reticulares: notas sobre a arte Kaxinauí. (in) DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S.. **Redes e ecologias comunicativas indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

PEREIRA, E.. **Mídias nativas**: a comunicação audiovisual indígena – o caso do Projeto Vídeo nas Aldeias. Ciberlegenda, nº 23, 2010. Disponível em <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/133> Acesso em 20/02/2018.